

CONSIDERAÇÕES SOBRE A INDÚSTRIA DE ORNAMENTOS FEITOS COM PENAS E PLUMAS NO BRASIL (1890-1910)

Mário Roberto Ferraro

Universidade Estadual de Goiás, Brasil

RESUMO

O objetivo deste *paper* é tecer algumas considerações sobre o comércio de artefatos ornamentais feitos com penas de aves (chapéus, leques, flores artificiais, apliques em redes para descanso e em roupas, etc.) que, em sua maioria, eram usados por senhoras da aristocracia e burguesia da Europa e das Américas. Propomos identificar quais aves eram abatidas, quem as abatia, quem fabricava esses objetos, onde e como eram obtidas as matérias-primas e qual o trajeto que as penas faziam da natureza até o consumidor final. Também é nosso intuito resgatar os discursos de Emilio Goeldi e Hermann Von Ihering em defesa das aves. A abordagem é multidisciplinar: a questão será tratada através da história das ciências desenvolvida por Maria Amélia Dantes, Silvia Figueirôa, dentre outros, pois as fontes são as obras de cientistas estrangeiros que residiram no Brasil por décadas. E também contamos com o auxílio da história ambiental brasileira desenvolvida por José Augusto Drummond, José Augusto Pádua, Warren Dean e, sobretudo, por Regina Horta Duarte, que abordou diretamente o tema. A opção metodológica pela história ambiental se impôs pelo próprio caráter do tema, pois ele se refere à relação do homem com natureza, na medida em que esse tipo de caça faz parte de uma atividade econômica que envolve vários atores sociais na Europa e no Brasil. Nesse sentido as obras dos naturalistas se tornam ao mesmo tempo objeto de análise e fontes históricas.

Palavras chave: avifauna, comércio, proteção das aves.

Recibido: 18 de noviembre 2014.

Aceptado: 6 de marzo de 2015.

O uso de penas de aves como ornamento em chapéus femininos no final do século XIX atingiu proporções inéditas: senhoras elegantes da aristocracia

e da burguesia e mesmo das classes sociais menos abastadas, na Europa e nas Américas, nas zonas urbana e rural faziam uso desses artefatos, fabricados artesanalmente por hábeis mãos e vendidos em casas elegantes.

As penas e plumas mais usadas eram as de garças (*aigrettes, em francês*), mas não exclusivamente. Segundo Clive Ponting. “O mergulhão de crista longa foi quase levado à extinção na Grã-Bretanha, durante o século XIX, por causa do mercado feito com suas plumas para fazer abrigo para senhoras”¹. Está querendo dizer que plumas da cabeça deste pássaro, o *Podiceps cristatus*, eram usadas para a confecção de chapéus e roupas de senhoras, o que quase o levou a extinção².

De acordo com Ponting,³ outras espécies de animais foram usadas como ornamentos. Além das plumas, os couros de crocodilos e de várias espécies de serpentes

para confecção de calçados, bolsas e carteiras; os marfins das presas de elefantes; borboletas e besouros abatidos para confecção de quadros. Sem falar no abusivo e desnecessário uso de peles de animais como vestimenta, pois há ainda uma certa confusão entre necessidade humana (proteger-se do frio) e o mero luxo (ostentação) ou como diz Ponting: seu uso é símbolo de *status*. Alguns desses produtos caíram em desuso ao longo século XX devido à pressão de setores organizados da sociedade ou foram sendo substituídos por sucedâneos artificiais.

O número de aves abatidas no Brasil para essa finalidade é impreciso, entretanto sabe-se que não era pequeno, pois havia muitos protestos na imprensa da época sobre a possível extinção da espécie, sobretudo vindos de naturalistas.

A primeira pergunta a ser respondida é como as penas das garças brasileiras entravam no mercado internacional?

Há algumas possibilidades de respostas, embora pouco conclusivas. De acordo com Ponting,⁴ esse comércio existe desde a antiguidade, mas na Idade Média o uso de ornamentos oriundos de animais era restrito à nobreza e ao clero. Com a expansão europeia por outros continentes passou a haver uma demanda para adereços feitos com penas, então comerciantes ávidos de lu-

¹ Ponting, Clive, *Uma história verde do mundo*, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1995, p. 271. Este excerto certamente apresenta uma tradução inadequada, mas não foi possível encontrar a edição em língua inglesa para verificação.

² Hoje ela não está em estado de vulnerabilidade, todavia seu futuro é incerto, não devido à caça para extração comercial de plumas, mas a outros fatores, tais como, destruição de seu habitat (modificação nos lagos, construção de hidroelétricas), captura acidental em redes de pesca, introdução de espécies concorrentes ou inimigas etc. Disponível em www.birdlife.org/datazone/species/index.html?action=SpcHTMDetails.asp&sid=3639&m=0. Acesso em 2 do Novembro do 2014.

³ Ponting, *Uma história...*, p. 274.

⁴ Ponting, *Uma história...*, p. 291.

cross, estavam empenhados em satisfazê-las, enchendo as lojas com esses adornos.

Explicação idêntica tem Helmut Schindler:

Na Nova Guiné rastreavam-se aves-do-paráíso; na Índia, pássaros-reis, faisões e garças; na Rússia, corujas, gaios e pegas; nos pântanos e florestas tropicais da Guatemala ao Brasil, as garças e os papagaios; na África, avestruzes; e nas estepes meridionais da América do Sul, os nandus. [...] A demanda crescia permanentemente em função da ampliação da classe burguesa, que dispunha de meios financeiros suficientes para acompanhar o cambiante mundo da moda, cujas diversas correntes daquela época refletiam, a seu modo, a era do colonialismo.⁵

Se na Europa e principais cidades americanas havia clientes, certamente no resto do mundo haveria alguém disposto a fornecer matéria-prima para confecção de artesanato para atender à demanda feminina por enfeites e assim ganhar muito dinheiro. Pobres mulheres, além de estarem marcadas por vários estigmas,

⁵ Schindler, Helmut. *Plumas como enfeites da moda. Hist. cienc. saúde, Rio de Janeiro*, v. 8, supl., 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500016&lng=en&nrm=iso>; Acesso em 29 de Julho do 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702001000500016>, p. 1090.

têm de carregar mais este: o da responsabilidade pela destruição da avifauna. A proporção desse comércio era mundial, embora Schindler, o restrinja a uma classe, conforme já dito, à burguesia. Curiosamente, os exemplos por ele mencionados, sem exceção, referem-se à nobreza. Resta saber quem de fato eram esses comerciantes, pois as referências a eles na literatura são escassas e superficiais.

Dados sobre o montante desse comércio são imprecisos e insuficientes e não permitem chegar a conclusões seguras sobre 'quantidade real' de aves mortas no período. "Em 1869, só o Brasil exportou 170,000 aves mortas para que suas plumagens fossem usadas, e em 1913, as lojas londrinas ofereciam plumas de 77,000 garças, 48,000 codornas, 162,000 martins-pescadores".⁶ Os números talvez estejam próximos da realidade, mas autor não cita suas fontes, sem falar na informação incorreta de que teriam sido exportadas garças mortas.⁷ Supondo-se que as principais cidades europeias e norte-americanas consumissem nas mesmas proporções que Londres, então é possível de se ter uma ideia aproximada do consumo de aves mortas por motivos fúteis e da destruição ambiental.

Para Regina Horta Duarte, o uso de plumas nos chapéus das damas das elites locais e

⁶ Ponting, *Uma história...*, p. 275.

⁷ Como conservar essas garças mortas? Por que pagar fretes caríssimos, quando somente as penas seriam aproveitadas. Talvez quisesse dizer peles de aves.

externas, e também as caçadas esportivas “provocaram uma verdadeira hecatombe da avifauna brasileira nos fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, abrangendo a Amazônia, áreas do sertão e litoral, assim como áreas rurais diversas por todo o país”.⁸ Quanto à quantidade, a autora é cuidadosa, referindo-se apenas ao comércio oficial, expressão que traz consigo implicitamente em seu bojo que havia um comércio ilegal, provavelmente de proporções mais elevadas, como ela própria reconhece. Entre 1901 e 1905, o Brasil vendeu cerca de 600 quilos apenas para a Alemanha, Inglaterra, França e Estados Unidos e entre 1910 e 1914, aproximadamente vinte mil quilos. Segundo ela, as aves mais caçadas eram “emas, garças, guarás, papagaios, periquitos, araras, gaturamos, tucanos, beija-flores e saracuras”.⁹

Segundo Schindler, havia ainda a venda de couro de aves, sobretudo de beija-flores, cujas penas miúdas eram “finas demais para serem atadas com linhas”. Em seguida ele se

⁸ Duarte Horta, Regina, “Pássaros e cientistas no Brasil: Em busca de proteção, 1894-1938”, em *Latin American Research Review* v. 41, n. 1, 2006, p. 7.

⁹ O príncipe Maximilian Wied-Neuwied notou que o quiruá ou crejuá (*Ampelis cotinga*, Linnaeus, atual *Cotinga cotinga*) já era raro na Bahia devido ao “esplendor azul brilhante de sua penugem”, que as freiras usavam para fazer flores. Esse pássaro não é mencionado em nenhuma outra relação e nunca vi este pássaro na natureza. Schindler, *Plumas como...*, p. 1093. Talvez seja primeira menção sobre uma ave em risco de extinção, ainda que numa área específica, no Brasil.

refere a “um esplêndido xale [...] não feito de fragmentos de pelo, [...] mas de uma carcaça com penas,¹⁰ isto é, de peitinhos de pinguins-imperiais”.¹¹

O Museu Etnográfico de Munique é depositário de uma bela coleção de arte plumária brasileira do século XIX, que fora coletada pela Imperatriz Amélia do Brasil (1812-1873) e pela Princesa Teresa da Baviera (1850-1925). A primeira foi esposa do Imperador D. Pedro I do Brasil em suas segundas núpcias (em 1826) e em 1855 toda a fortuna da família da Imperatriz foi comprada pelo estado bávaro, inclusive sua preciosa coleção. A segunda, era uma senhora culta, sôfrega de conhecimentos,¹² que viajou ao Brasil

¹⁰ Schindler usa o termo “carcaça de pássaros” o que parece estar incorreto, pois carcaça é o esqueleto, o arcabouço. Entretanto, usa também a palavra “peitinhos de pinguins” para designar a parte aproveitada da ave. Numa linguagem coloquial, o termo “papo” traduz melhor o que ele deseja mostrar. Os cientistas escrevem ora carcaça, ora pele quando falam sobre preparo de aves pelos métodos da taxidermia para museus de história natural. Por vezes, preservam ambos —a pele e carcaça— que preenchem com palhas.

¹¹ Segundo Schindler, os pinguins-imperiais “estavam mais disseminados antigamente; entretanto os caçadores as abateram aos milhares, no Sul da América do Sul, tal como fazem hoje com os filhotes de foca ao Norte”. E complementa: “Os pinguins, inaptos ao voo, eram cobiçados naquela época por causa do óleo de seu fígado [sic]” (Schindler, *Plumas como...*, p. 1097).

¹² “Thérèse Von Bayern, solteira, aos 38 anos, veio ao Brasil, ao fim do Império, exclusivamente para realizar expedições botânicas, zoológicas e etnográficas, a que se dedicou até o término de sua vida, aos

em 1888 e que foi presenteada em diversas ocasiões e comprara em outras, exemplares de chapéus e leques e outros objetos feitos com penas. Após sua morte, sua coleção também passou para o referido museu.

Ambas eram mulheres sóbrias nos hábitos e no vestir: não tinham usanças espalhafatosas, próximas ao exótico, então por que o interesse por uma arte tão fora de seus cotidianos? Schindler sugere a hipótese de desejos escondidos, isto é por trás da sobriedade havia uma vontade de usar roupas extravagantes,¹³ o que para nós pode ser viável, mas levando-se em consideração que muitos desses objetos eram presentes recebidos por elas, podemos admitir tratar-se de propaganda de nossa indústria. O uso desses objetos por pessoas de

75 anos de idade. Era uma princesa, prima de D. Pedro II e veio acompanhada de um pequeno séquito - uma dama de companhia, um acompanhante e um taxidermista. Contou com a ajuda de Emilio Goeldi, no Pará, e Orville A. Derby em São Paulo” (Lopes, Maria Margaret, *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*, São Paulo, Hucitec, 1997, p. 100).

¹³ Schindler, *Plumas como...*, p. 1094. O autor reconhece que “*essa conclusão é demasiado simples*”. Todavia convém lembrar que durante o carnaval brasileiro, as mulheres assumem comportamentos nada consentes com seus costumes habituais. Senhoras sisudas se transformam em mulheres ousadas no vestir e em extravagâncias e senhoras plebeias, tais como, as porta-bandeiras das escolas de samba, que mostram ares de nobreza. Sobre o carnaval ver Damatta, Roberto, *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro* (6.ed.), Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

tamanho prestígio internacional daria visibilidade a eles, que poderiam se tornar objetos de consumo para uma população mais ampla. Ou seja, dessa forma, o Brasil passaria da condição de exportador de matérias-primas (penas e plumas) para exportador de produtos manufaturados. E não se sabe se as damas realmente usavam, e em quais circunstâncias usavam, tais objetos, ou se apenas os colecionavam.

Para corroborar essa hipótese —a de que essa indústria fazia propaganda de seus artefatos— vejamos os comentários que o General João Severiano da Fonseca fez da participação da então província de Mato Grosso na Exposição Universal do Centenário da Independência dos Estados Unidos da América, realizada em Filadélfia, em 1776.

Ao fazer referência à participação de Mato Grosso na exposição de Filadélfia de 1876, informou que a província enviara apenas licores e conservas dos frutos da terra, que foram muito apreciados. Entretanto, ao comparar os artigos apresentados por outras províncias, percebe que os resultados mato-grossenses poderiam ter sido melhores:

[...] não é só o útil que chama a atenção da humanidade e merece animação e prêmio; o agradável também. E quando essas duas qualidades se reúnem, mais aprimorado fica o objeto, mais realce tem o seu valor. As redes de dormir de Goiás, Pará, Maranhão e Ceará, “foram admiradas por seu trabalho, algumas delas entretecidas

de vistosas plumagens das araras, tucanos, beija flores; do mesmo modo leques, ramalhetes e mosaicos de penas, bordados feitos com élitros de insetos brilhantes, que pareciam gemas de subido valor, e prendiam mais a atenção que os diamantes do Serro, as esmeraldas da Bahia e as safiras de Goiás e de Minas. Nesses artefatos há apenas a indústria delicada própria dos dedos de uma senhora.¹⁴

Para Sandra Jathai Pesavento, essas exposições funcionavam como vitrine do capitalismo industrial: “As exposições universais que se realizaram na metade do século XIX tiveram um caráter de feira de mercadorias, ‘lições de coisas’, mostruário de novidades, lócus de realização do lucro capitalista”.¹⁵ Todavia, não pode afirmar com certeza que tais objetos eram fabricados no Mato Grosso. Fonseca afirma que a “fauna de Mato Grosso por si só basta para prover opulentamente todos os gabinetes do mundo”.¹⁶ Há um desejo imenso de transformar esse recurso natural —a fauna— em riquezas, por-

tanto, há um desejo de apropriação da natureza.

Os objetos relacionados por Fonseca são idênticos àqueles que se encontram depositados no Museu de Munique e o propósito de exposição deles na Filadélfia era o de torná-los produtos de exportação. Portanto, havia uma meta oficial em se exportar esses artefatos feitos com plumas. E essa também devia ser a lógica de quem presenteava as damas da nobreza: queria dar visibilidade aos seus produtos. E o seu uso por essas senhoras, que eram referência para a sociedade, poderia abrir novos mercados ou incrementar as vendas. Chegaram a se tornar objetos de exportação? Não há dados suficientes para se formular uma resposta.

Se se observar com acuidade, a região onde havia produção desses objetos mencionados por Fonseca forma um *continuum* geográfico no qual as pessoas tinham —e muitas ainda o têm— o hábito de cotidianamente dormir em redes. A dimensão da área produtora desses objetos, segundo Fonseca, era grande e o fato dele reclamar a participação de Mato Grosso na exposição, permite deduzir que essa arte estava disseminada também por aquela região, onde havia abundantes fontes de matérias-primas.¹⁷

¹⁴ Fonseca, João Severiano da, *Viagem ao redor do Brasil: 1875-1878*, Rio de Janeiro, Typographia de Pinheiro & C., 1880-1881, 2 v., p. 157.

¹⁵ Pesavento, Sandra Jathay, *Imagens da nação, do progresso e da tecnologia: a Exposição Universal de Filadélfia de 1876. Anais do museu paulista*, São Paulo, v. 2, n. 1, pp. 151-167, 1994. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47141994000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 de Janeiro de 2011, p. 154.

¹⁶ Fonseca, *Viagem ao...*, p. 159.

¹⁷ Quanto à referência ao hábito de dormir em redes em Goiás, provavelmente se trata do norte da antiga província, atualmente estado do Tocantins, que quando do seu desmembramento passou a integrar a região Norte, onde esse costume é bastante disseminado, justamente por suas afinidades culturais, pois sempre esteve em contato com ela através dos rios Araguaia e Tocantins.

As informações sobre essa indústria trazidas por Fonseca complementam as fornecidas por Schindler: ela estava disseminada também no centro (Minas Gerais e Goiás) e oeste do país (Mato Grosso).

Pode-se então levantar outra questão: quem eram os fabricantes desses objetos? Schindler cita as breves menções sobre a arte plumária feitas em relatos de viajantes que estiveram no país no século XIX: o príncipe Maximilian wied Neuwied comenta que tais trabalhos eram feitos pelas freiras na Bahia; Spix e Martius falam das monjas realizando esse trabalho no Amazonas; Mc Gillivray relata sobre uma loja de confecção de flores de penas pertencentes a uma senhora francesa no Rio de Janeiro; Friedrich Guerstäcker já falava de várias lojas na capital do Império; Teresa da Baviera comenta sobre o florescente comércio do Rio de Janeiro e na Bahia, onde as freiras ensinavam a fazer flores de penas. Daí este hábito ter se espalhado por quase todo o Brasil, incluindo rincões distantes. Pode ter ajudado na sobrevivência das freiras e na atração dos infieis para a catequese. Além de demonstrar a preocupação louvável de ensinar meios de sobrevivência num ambiente hostil, coisa que até hoje as Organizações Não Governamentais fazem com mais pompa e sofisticação e com o discurso da sustentabilidade. Fonseca não menciona a presença religiosa, apenas se refere ao trabalho delicado de senhoras. O fato das freiras terem disseminando de maneira sistemática essa arte entre a população, com certeza contribuiu para esse tipo de artesanato se

espalhasse rapidamente para todo o Brasil.

Os relatos dos viajantes, por sua vez, satisfaziam a uma ávida demanda europeia por aventuras e exotismos e que, portanto, também eles se constituíam em elementos de propaganda em favor da disseminação desses hábitos impregnados de excentricidade.

Se a matança apresentada nos dados oficiais é volumosa, a presença de redes ornadas com penas de colibris na exposição da Filadélfia nos *stands* de várias províncias, nos permite deduzir que a matança é muitíssimo maior que o registrado. Será possível de se aventar à existência de uma economia extrativista de garças destinada a atender ao mercado exportador de penas e plumas? Quem eram os caçadores? Que métodos de matança usavam? Quem agenciava essa atividade? Como se articulavam com negociadores estrangeiros e como eram remunerados?

Schindler finaliza seu escrito afirmando que

[...] a caça às aves de penugens coloridas era realizada por homens, e [que] o reprocessamento das carcaças era feito por mãos femininas, especialmente de freiras e francesas. Essas mulheres exerciam um ofício manual hoje desaparecido e esquecido, que esteve em sua época ligado a uma rede global de comércio.¹⁸

¹⁸ Schindler, *Plumas como...*, p. 1090.

Ou seja, sua conclusão nos serve de ponto de partida: se as freiras e modistas francesas residentes no Brasil participavam de um comércio em rede mundial, também os caçadores, que eram os responsáveis deveriam tomar parte dele direta ou indiretamente com forte intensidade, embora não haja dados seguros que o Brasil tivesse exportado ornamentos de penas, mas com certeza exportava penas e couros de aves.

Schindler aponta para a necessidade do historiador abordar o tema, pois as fontes precisam ser descobertas e estudadas:

Sem dúvida que nos arquivos do Brasil e de outros países ainda se encontram inúmeras fontes sobre manufaturas e o comércio de enfeites de penas; aqui se pode tratar por exemplo de documentos sobre importação e exportação, declaração de impostos, licenças profissionais e outros tipos de papéis e negócios. É possível encontrar mais sobre o tema nos romances femininos do Século XIX. Provavelmente vários testemunhos de tais trabalhos com penas se conservam ainda nos museus brasileiros e junto a antigas famílias.¹⁹

Todavia, nosso tema não consiste em focar exclusivamente nos adornos, mas na indústria da caça que o sustentava. Os enfeites eram

¹⁹ Schindler, *Plumas como...*, p. 1098.

a razão de existência da caça predatória. Cabe, portanto, verificar os impactos desse comércio para a avifauna e levantar as vozes que se opunham a ele.

No século XIX, “no Brasil, os fabricantes de flores de penas e asas de escaravelhos possuíam uma mina de ouro”,²⁰ que é como poderia ser qualificada a natureza exuberante, pois era farta, diversificada e bela, com aparência de inesgotável, que poderia ser por eles apropriada e transformada em riquezas. E esses fabricantes (e também os exportadores de penas) dispunham dessa mina da mesma maneira que as empresas mineradoras de metais preciosos faziam no período colonial: exploravam esse material até seu completo esgotamento. No caso da avifauna, que era considerada uma mina, até a sua quase total extinção, ou até que a rarefação dos indivíduos tornasse a caça antieconômica.

O grande historiador brasileiro do século XIX, para surpresa nossa e talvez do leitor, Francisco Adolpho de Varnhagen,²¹ já se compadecia da sorte dessas aves ribeirinhas e as apontava como em risco de extinção em —pasmem!— 1860. Ele denunciava os impactos sobre garças e guarás devido à caça comercial para a extra-

²⁰ Schindler, *Plumas como...*, p. 1090.

²¹ Varnhagen, Francisco Adolfo de, *Caça no Brasil, ou Manual do Caçador em toda a América Tropical acompanhado de um glossário dos termos usuais de caça, por um brasileiro devoto de S. Humberto*, Rio de Janeiro, Laemmert, 1860, p. 79.

ção de penas, embora partisse de um caçador. Com certeza, novas pesquisas apontarão outros autores.

Dizia ele “cremos, com efeito, que para o único fim de arrancar as penas é uma crueldade matar a ave que vai se exterminando, como já está quase extinta em vários países da Europa”.²² E a sua proposta de método de caça para essa ave talvez seja mais compatível com os dias atuais. Diz Varnhagen que para a extração dessas penas:

[...] o melhor é usar para ela de laços e armadilhas, ou de duas varas postas em aspas, em que se apanhe viva, e se torne a soltar depois de arrancadas essas penas, que naturalmente crescerão de novo, e [assim] fica no país o capital produtivo. Também pode-se apanhar as garças por meio de certos caparões²³ que se colocam nos brejos em que elas andam, com isca dentro e certos viscos nas bordas, de modo que essas fiquem agarradas ao pescoço quando metam a cabeça para comer a isca que está dentro para comer.²⁴

Sobre os guarás, sua postura é idêntica:

²² Foi mantida pontuação original.

²³ “Caparão: ‘Era uma espécie de carapuça de pelica, com que se cobria a cabeça dos falcões’” Varnhagen, *Caça no...* p. 130.

²⁴ Varnhagen, *Caça no...*, p. 130.

assim como as garças, eles estão “desaparecendo sob as armas de fogo”. Deles, somente se aproveitam as plumas. Os guarás “são mui ariscos e custosos de matar; e quando sendo assim, já são tão raros, pode-se crer que nenhum existiria se fossem dóceis como ticos-ticos”.²⁵

O importante historiador do século XIX deseja algo que, correndo o risco de cometer um anacronismo, poder-se-ia comparar ao que hoje se chama de sustentabilidade, embora o que se vê na verdade é um utilitarismo, à maneira de José Bonifácio de Andrada e Silva na memória sobre a caça às baleias: ambos querem preservar a fonte, “*a mina*”, como diz Schindler,²⁶ das riquezas, isto é, evitar seu esgotamento.²⁷

²⁵ Varnhagen, *Caça no...*, p. 79.

²⁶ Schindler, *Plumas como...*

²⁷ Segundo Varela, Bonifácio defendia “a preservação das produções naturais da colônia, no caso as baleias, não com intuitos ecológicos atuais, ‘humanísticos’, mas no sentido de que o uso de forma mais racional dos elementos do mundo natural e a sua melhor produção poderia vir a gerar rendas para o Estado português e contribuir para o seu processo de industrialização. A preservação da natureza é defendida levando em consideração os interesses pecuniários da Coroa portuguesa” (Varela, Alex Gonçalves. *Juro-lhe pela honra de bom vassalo e bom português: filósofo natural e homem público: uma análise das memórias científicas do ilustrado José Bonifácio de Andrada e Silva (1780-1819)*, 2001, 316 pp. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. Disponível em <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000232615>>. Acesso em 29 do Julho do 2014, p. 1090).

E nosso historiador denuncia a estupidez daqueles que abatem as garças para a extração de penas: “O sistema de matar as garças pode ser comparado aos dos que cortam o coqueiro para apanhar o cacho, ou ao que matasse um cordeiro com o fim de lhe aproveitar a lã”.²⁸

Emilio Goeldi, diretor do Museu Paraense de História Natural, autor de respeitável obra sobre a avifauna brasileira, é metucioso em suas descrições. No relato da viagem que realizou do Rio de Janeiro ao Pará, em 1896, publicado no *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, aproveitou a maioria das escalas do Vapor Patagônia, no qual viajava, para estudar a natureza nos arredores. Em Salvador permaneceu por dez dias. Goeldi informa que nas suas viagens costuma visitar os mercados, “pois são às vezes uma boa escola de informações sobre os produtos naturais”.²⁹ Sua passagem pela Bahia é esclarecedora não só pela descrição realidade local, como também sobre seus métodos de coleta de objetos, sobretudo animais e conchas, para suas coleções de estudo. No mercado de Salvador observou que

[...] centenas eram os Papagaios gregos (*Androglossa aestiva*), de todas as idades,

²⁸ Varnhagen, *Caça no ...*, p. 80.

²⁹ Goeldi, Emílio, “Observações e impressões durante a viagem costeira do Rio de Janeiro ao Pará (12 de maio a sete de junho de 1894)”, em *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, v. 1, n. 1, p. 46.

outros já com todo o ornato completo de amarelo e azul-claro, de modo que formavam magníficas séries para estudos comparativos. [...] Indaguei de onde vinham e soube que vinham e apesar ‘do segredo é alma do negócio’, que os negociantes d’este ramo são aqui, como em toda parte, bastante desconfiados, soube que vem principalmente do sertão.³⁰

Centenas de papagaios eram expostos para serem vendidos, e isto implica que não havia nenhum tipo de inspeção, nem por parte do Tesouro, nem de órgão responsável pelo meio ambiente. Eram aves de todas as idades, o que é um indicativo de caça predatória e da voracidade do comerciante, que não se dispunha a aguardar que as aves atingissem a maturidade, pois se acreditavam que quando jovem poderiam aprender a “falar” mais facilmente, daí alcançarem um preço melhor, ainda que a exposição de animais em tenra idade acarretasse muitas perdas. Mas se não havia fiscalização, por que a desconfiança do comerciante em relação a estranhos? Nossa hipótese é a de que tinham medo da concorrência, de que sua “mina” fosse descoberta e explorada por terceiros, o que faria o preço das aves se elevarem. Mais de cem papagaios em gaiolas indicam a possibilidade de comércio em grande escala, ou seja, esperança de que algum negociante comprasse essas aves

³⁰ Goeldi, “Observações e impressões...”, p. 47.

possivelmente para extração de penas. Se fosse para comércio local e, portanto, vendidos no varejo, alguns exemplares bastariam, a exemplo do que ocorria com os corrupiões e fringilídeos, também mencionados por ele.

Anota também que não encontrou o Curica, um papagaio menos raro. Os preços regulavam com os do Rio de Janeiro.

Tinha lá uns poucos periquitos-rei (*Conurus áureos*) e, como artigo mais digno de atenção, duas araras azuis, (*Sittace hyancethina*), ambas ainda sem a zona ocular amarela. De outros pássaros quase nada havia de vivo, com exceção de uns Currupiões (*Ieterus jamaicai*). E uns cantores menores da família dos fringilídeos.³¹

Essas lojas da Bahia já haviam sido notadas por Oscar Canstatt, um viajante alemão, que esteve no Brasil no final da década de 1860.

Entre as coisas interessantes da Bahia figuram também algumas lojas, nas quais são expostos a venda, de preferência, produtos naturais dos reinos animal e vegetal, que parecem destinados especialmente aos viajantes estrangeiros. [...] Pássaros com as mais vistosas plumagens, couraças dos esquisitos tatus, insetos, borboletas, e besouros maravil-

hosos despertaram minha atenção. Uma coleção de conchas e outros produtos do mar completavam a exposição desse bazar, a cuja entrada graciosos macaquinhos, presos por finas cadeias, pulavam alegremente de um lado para outro, e papagaios, de uma extraordinária variedade de coloridos, pareciam querer tentar os compradores com sua atordoante gritaria. [...] Contentei-me em ver todas aquelas coisas estranhas e deleitar-me na contemplação das maravilhas da natureza que, reunidas naquele pequeno espaço, enchiam mais a vista do que lá fora, em plena e ilimitada liberdade.³²

Esse desejo de contemplação pode ser confundido com desejo de posse: os viajantes queriam comprar os animais para tê-los permanentemente e exclusivamente junto a si. Os naturalistas também caçam ou adquirem animais, mas o fazem em nome de causa nobre, a ciência. E se referindo aos papagaios, Canstatt observou outra modalidade de comércio: o ambulante

Estes pássaros do mundo tropical são os primeiros a atrair a atenção dos europeus; chegam a ser oferecidos à venda em grandes quantidades, por negros espec-

³¹ Goeldi, "Observações e impressões...", p. 47.

³² Canstatt, Oscar, *Brasil: terra e gente 1871*, Brasília, Senado Federal, 2002, p. 291.

uladores, aos passageiros dos vapores, para os levarem como recordação para a pátria distante.³³

Goeldi por sua vez relata a questão de um ponto de vista diferente ao do agrônomo alemão: o do naturalista que deseja preservar a natureza. Comentou sobre a destruição de diversas espécies para o comércio de penas: das araras, gaturamos, tucanos, papagaios, colibris, garças, dentre outros, que eram as aves que encontravam em suas visitas aos mercados. São páginas que provocam no leitor mais atento e sensível, ainda hoje, um misto de indignação e revolta.

O que motivou inicialmente esse pesquisador a investigar esse tema foi o contato visual, durante visita ao Museu Imperial de Petrópolis, com manto usado por sua majestade imperial Dom Pedro II em sua coroação, em 1842. Parte dele era ornada com penas de papos de tucanos.³⁴

O surpreendente foi ter encontrado em Goeldi, em seu livro *As aves do Brasil*, de 1894, no verbete sobre os tucanos, uma alusão a esse manto encantador. Cuidadoso, Goeldi não critica diretamente o Imperador, embora o texto

fosse de 1894 e isso pudesse agradar aos republicanos. Neste verbete também menciona o uso que os indígenas faziam de suas penas: eram, sobretudo, usadas em ornamentos marciais e conta que havia notado um jovem, no Rio de Janeiro, usando um papo dessa ave fazendo às vezes de gravata. Todavia, critica a ostentação dos enfeites com penas de aves, conforme se verá em seguida.

Quanto aos colibris, primero reclama da futilidade da matança: “Não se pode calcular o número de colibris que são vítima da mania de enfeites e do luxo da sociedade”.³⁵ O uso dos termos “mania” e “luxo” apontados por Goeldi tem conotações negativas, embora nem sempre isto seja facilmente perceptível. O termo “mania”³⁶ está associado à demência, loucura, alienação, doidice e insanidade, se se pensar do ponto de vista da saúde. E a vício, do ponto de vista da moral. E à excentricidade, do ponto de vista do comportamento. O luxo, um dos sete pecados capitais, é associado ao supérfluo, à ostentação

³⁵ Goeldi, Emílio, *Aves do Brasil*, Rio de Janeiro, Livraria clássica de Alves & Cia, 1894, p. 213.

³⁶ O *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras, assim define mania: “1. Gosto excessivo e imoderado por alguma coisa: *Ele tem mania de festa*; 2. Ideia fixa; obsessão, fixação: *mania de limpeza*. 3. Extravagância, excentricidade, esquisitice: *O cantor era conhecido por suas manias*. 4-Hábito prejudicial; vício: *mania de fumar*. 5 (Psic.) Transtorno mental em que a alteração desproporcional do humor leva a um quadro de excitabilidade e de hiperatividade, de aumento da estima, de falhas de atenção e distração, entre outros sintomas: *mania de grandeza; mania de perseguição*”.

³³ Canstatt, *Brasil: terra...*, p. 79.

³⁴ A imperatriz Tereza Cristina e a princesa Tereza da Baviera, mencionadas acima, eram da mesma família, o que se pode deduzir que, dado o montante das coleções, o uso de ornamentos feito com penas de aves deveria ser usual na aristocracia brasileira.

e à soberba. Fica bem claro que a matança para confecção de enfeites é inaceitável.

Em seguida, aponta as cidades do Norte, que na época correspondia ao atual Nordeste, como o centro desse comércio:

Assim é que as cidades do Norte do Brasil até bem poucos anos eram as praças principais do comércio e exportação das peles de colibri. Quase todas as espécies encontram-se entre as peles de enfeites nas vitrines dos negociantes que se ocupam com essa especialidade. De algumas espécies esplêndidas, como *Chrysolampis moschiatus*, vêm-se amontoadas verdadeiras hecatombes.³⁷

Ihering também se posiciona abertamente contra a matança de aves para a extração de penas.

Para ele o aumento da atividade econômica da caça, ao final do século XIX, está relacionado às restrições legais para se matar aves para extração de penas na Europa e nos Estados Unidos, que ocorreram naquele período e se alinha à assertiva de Varnhagen de que a caça se intensificou no Brasil porque as espécies de aves de belas plumagens estavam sendo extintas na Europa. Ihering reclama que o Brasil deveria seguir o caminho das demais nações civilizadas. “Se assim esses países impedem

[através de legislação] a matança de seus pássaros o comércio de artigos de confecção vão buscar os couros de pássaros nos países exóticos, que não se opõem à destruição das belezas de sua fauna”.³⁸ O ponto mais alto desse esforço na proteção dos pássaros, na Europa, foi o congresso internacional para proteção às aves de 1895, realizado em Paris.

Ihering reivindica explicitamente uma legislação que proíba a caça comercial de qualquer espécie, sobretudo quando o fim visa o lucro. Para ele a natureza também tem valor intrínseco.

A indústria artesanal brasileira de flores feitas com plumas ou peles de aves e asas de insetos não passou despercebida a Oscar Cansatt que constatou que o nosso:

[...] povo revela grande habilidade, principalmente no fabrico de enfeites e objetos de adorno; sobretudo na confecção de flores artificiais com penas dos pássaros das mais belas plumagens, como os colibris, com escamas de peixe, besouros e outros materiais. A beleza das flores de penas é tão grande que desperta a admiração dos estrangeiros, que raramente deixam o país sem levarem algumas dessas encantadoras produções, como lembrança ou presente, adquiridas nas lojas

³⁷ Goeldi, *Aves do...*, p. 257.

³⁸ Ihering, Hermann von, “Necessidade de uma lei federal de caça e proteção das aves”, em *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. 5, 1902, p. 257.

da Rua do Ouvidor, centro desse comércio. Ultimamente essa indústria tomou novo incremento por ter sua liderança passado as mãos de floristas franceses, que recebem por todos os vapores os últimos modelos de Paris, e as confeccionam de acordo com eles.³⁹

Canstatt era agrimensor e ele mesmo diz que suas observações não têm o *status* de ciência, todavia era um observador arguto. Notou a excelência desse ramo da indústria, termo usado por ele no sentido corrente no século XIX, que designava qualquer atividade produtiva. Ao descrever a indústria das floristas, mostra que seus produtos são de bom gosto, que encanta os viajantes estrangeiros, e que seu comércio localizava-se na Rua do Ouvidor, no centro do Rio de Janeiro. Diferentemente de Goeldi, fala no comércio do produto manufaturado e não do comércio da matéria prima (as penas). Diz que esses produtos agradavam aos viajantes estrangeiros, que não eram poucos, cujos navios faziam escalas demoradas nos portos, pois naquela época a capital imperial era ponto quase obrigatório de parada para estrangeiros em trânsito, que seguiam para Buenos Aires, então o segundo porto das Américas, ou Montevideu e Assunção, tanto na ida quanto na volta.

Ele coloca a atividade, não na descrição do pitoresco, do exótico, mas como ramo da indústria e a analisa sob o ponto de vista econômi-

co, como fonte de riqueza. Daí sua preocupação com qualidade e bom gosto. Ele dispensa a ela tratamento similar dado à agricultura, à mineração, ao extrativismo e ao comércio. E menciona negras e mulatas no trabalho, que não se sabe dizer se eram escravas ou libertas. Nosso objetivo, ao citar esse autor, não é mencionar a existência da atividade, mas caracterizar minimamente essa atividade, sobre as quais há muitas controvérsias.

Todavia, a informação mais relevante, é a de que esse comércio atendia as exigências do mercado europeu. Ou seja, ele ganhou novo impulso quando passou a ser controlado por modistas francesas do Rio de Janeiro, que copiavam os modelos que chegavam nos vapores. A matéria prima era nacional, a mão de obra talvez, mas o controle do processo produtivo estava nas mãos de modistas estrangeiras. Não há como negar o racismo do autor: o artesanato brasileiro feito por europeus eram finos, de bom gosto. Já o artesanato feito por negros e mestiços “só raramente atende ao bom gosto, mas é sempre caro”.⁴⁰ Ele apenas se refere às flores artificiais, sem mencionar outros produtos, como redes, mantos, chapéus, leques, tiaras, etc.

Canstatt constatou também a presença dessa indústria no sul do país, com destaque para o porto do Desterro (atual Florianópolis). Sobre a presença dessa indústria em Porto Alegre, ele

³⁹ Canstatt, *Brasil: terra...*, p. 163.

⁴⁰ Canstatt, *Brasil: terra...*, p. 163.

não a descreve ou comenta, mas apenas constata sua existência, talvez porque não possuísse expressividade das demais.

Uma indústria especial do lugar, que chamou minha atenção assim que desembarquei e a qual se dedica grande parte da população, é a de flores artificiais e objetos de adorno feitos de penas, escamas de peixe ou os chamados palmitos e outras matérias-primas naturais, como conchas, etc. Desterro e Rio de Janeiro são as cidades onde se fabricam especialmente esses artigos, alguns dos quais custam mais caro que genuínas joias de ouro; às floristas (na sua maior parte jovens negras e mulatas) de Desterro falta, porém, bom gosto.⁴¹

Também nessa passagem o racismo do autor é explícito. Com a existência de manufaturas também no sul, torna-se possível fazer uma cartografia quase que completa da indústria de ornamentos com penas: ela ocupa praticamente todas as regiões do país. A única exceção é São Paulo, região onde não se encontrou nenhuma referência a respeito dessa indústria e nem sobre o comércio de penas.

Oscar Canstatt associa os enfeites ao belo e ao sublime e, sobretudo, ao lucro, pois o analisa como um ramo lucrativo da indústria, ou seja, vê uma positividade.

⁴¹ Canstatt, *Brasil: terra...*, p. 386.

Onde Canstatt vê progresso, operância, empreendedorismo, Goeldi enxerga uma tragédia —a hecatombe das aves— de onde Regina Horta Duarte, num momento de iluminação, deve ter tirado o título de seu artigo acima citado. Segundo o *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*,⁴² da Academia Brasileira de Letras, “hecatombe” significa: “1. Massacre de um grande número de pessoas; matança, mortandade. 2. Grande desastre; calamidade, catástrofe: As nações tomam medidas contra uma hecatombe nuclear”. Ou seja, Goeldi dramatiza seu relato da matança para chamar a atenção sobre os motivos fúteis que a impelem e para frisar a injustiça da ação, no intuito de coibi-la. Por sua vez, o dicionário do editor de textos da Microsoft, o Word, aponta hecatombe como significando sacrifício, holocausto, o que qualifica ainda a matança, tornando-a ainda mais abjeta: sacrifício em nome de quê? Do lucro dos empresários e do luxo das classes abastadas. E Goeldi, conforme já dito, pede proteção oficial para a avifauna.

Em seguida ainda falando dos colibris, ou melhor, de sua pele no comércio, em nota de rodapé, Goeldi é mais contundente:

Das espécies comuns vendem-se peles aqui no Rio de Janeiro, na média de 1\$ ou 1\$200 o exemplar. Como fato característi-

⁴² *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, 2. ed., Academia Brasileira de Letras, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2008, verbete: hecatombe.

co para a carnificina de colibris no Norte, mencionarei que há alguns anos uma casa de modas parisiense se dirigiu a um negociante daqui pedindo que se incumbisse de arranjar peles de Beija-flores e indicando-lhe a circunstância de se obter na Bahia o cento de peles pelo preço de 9\$000 a 10\$000. A resposta, felizmente, foi uma recusa dessa incumbência, fazendo o negociante daqui ver ao seu correspondente que achava incompreensível como por preço tão insignificante tivesse alguém a coragem de matar uma centena de tão lindos passarinhos.⁴³

Esse excerto de Goeldi é importante porque nos permite vislumbrar como funcionava essa rede de comércio: o artesão europeu encomenda do negociante no mercado de uma grande cidade litorânea, que encomenda através de um emissário (hoje, atravessador) ao caçador no interior, que provavelmente extrai da natureza o máximo possível de aves, até que a rarefação das aves torne o empreendimento naquele local economicamente inviável. Então, o empresário da cidade procura fornecedores em outras localidades, até atingir sua meta. E depois? Depois certamente virá outra encomenda. E mais outra, e assim sucessivamente, até o esgotamento total do recurso natural, ou seja, das aves. Goeldi, todavia, não concebe a natu-

reza como sendo exclusivamente um recurso natural, isto é, como algo a ser explorado economicamente, que é concepção dos naturalistas do final do século XIX. Para ele, a natureza deve ser objeto de contemplação e de deleite, se possível, chegando-se ao êxtase. Ou seja, a natureza possui para ele um valor intrínseco.

Contraditoriamente, o Dr. Gottfried Haggmann, assistente da Seção de Zoologia do Museu Paraense, em artigo de 1901, não vê o comércio de animais de Belém como significativo: os comerciantes, para ele, fazem negócios de ocasião:

O comerciante de animais local é um vendedor de ocasião, cujos clientes são [...] os viajantes de navios estrangeiros, que compram sem saber o valor real de um animal, para levá-lo como troféu para a Europa ou América do Norte. Para nenhum comerciante de animais local esse comércio é um meio de subsistência, a ele se dedicam como biscate, enquanto que o comércio de frutas e legumes, de todo tipo de curiosidades indígenas e de artigos da região do [rio] Amazonas provê os ganhos principais.⁴⁴

⁴³ Goeldi, *Aves do...*, p. 213.

⁴⁴ Haggmann, Gottfried, "O jardim Zoológico do Museu Goeldi do Pará (Brasil), com ênfase na [maneira de] obtenção de animais", em Sanjad, Nelson, Oren, David Conway, José de Sousa Silva Junior, Marinus Hoogmoed, Horácio Higuchi, "Documentos para a história do mais antigo jardim zoológico do Brasil: o Parque Zoobotânico do Museu Goeldi", em

Hagmann critica o amadorismo desse comércio, se comparado ao europeu. E que ele é uma atividade secundária, um biscate. Não menciona o comércio de penas de aves, nem o de objetos ornamentais feitos com elas.

Ihering também aponta para a rede formada por mercadores e caçadores e vê nela uma atividade exploradora do trabalho dos primeiros sobre os segundos:

Olhando o lado econômico do assunto e comparando o peso de um tico-tico (*Zonotrichia capensis*, Muell),⁴⁵ que é de 18 até 20 gramas com o de uma galinha de 2000 gramas, é necessário matar 100 tico-ticos para obter-se em carne o peso de uma galinha. Vendendo-se no mercado o tico-tico pela importância de 100 réis. O caçador quando muito ganha 60 réis, a que mal paga a munição. Se nenhum tiro lhe falha um cento de passarinhos dão lhe seis mil réis, quando por 3 ou 4 mil réis pode comprar uma galinha gorda. Está provado assim, que esta caça insignificante, se não der prejuízo, não poderá

dar lucro.⁴⁶

Todavia, relativiza Ihering “parece. [...] que a maior parte dos passarinhos comercializados nos mercados não são caçados, mas capturadas com redes e arapucas pelos caipiras”.⁴⁷ Ou seja, se fossem abatidos a tiros, haveria prejuízos, pois teria de arcar com os custos da munição dos tiros certos e dos perdidos, sem mencionar possíveis danos às penas. As aves de bela plumagem tinham um preço pouco melhor, conforme pode observar a partir dos valores apontados anteriormente por Goeldi, devido sua maior raridade e dificuldade de captura, maior procura, dentre outros. A comparação com o preço de uma galinha permite vislumbrar o valor real das aves de bela plumagem no mercado, e vê-se que era muito pequeno.

Goeldi recorria aos adolescentes na coleta de espécimes. Diante das necessidades, orientava os pesquisadores do Museu Paraense a empregarem laços, mundéus, etc. na captura de aves e animais. “Com laços e alçapões pode-se apanhar muita coisa boa e entre os meninos quase em toda a parte encontra-se prestimosos auxiliares voluntários”.⁴⁸ Isso pode significar que os meninos já estavam habituados a

Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas, v. 7, n. 1, Jan.-Abr., 2012, pp. 212.

⁴⁵ Ihering se referia ao abate de aves insetívoras, que eram vendidas como alimentos em São Paulo na virada dos Oitocentos, cujo abate indiscriminado estava a causar um aumento no número de insetos nocivos à agricultura e não apenas sobre as aves de bela plumagem com valor comercial.

⁴⁶ Ihering, *Necessidade de...*, p. 242.

⁴⁷ Ihering, *Necessidade de ...*, p. 243.

⁴⁸ Goeldi, , Emílio, “Instruções práticas sobre o modo de coligir produtos da natureza para o Museu Paraense de História Natural e Etnografia”, em *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, v. 1, n. 1, 1894, p. 82.

caçar com armadilhas. Pode-se inferir que talvez muita ave comercializada tenha sido capturada, a mando de seus pais, por meninos.

Goeldi estava a reivindicar que

As autoridades deveriam pôr um paradeiro a essas carnificinas, porém de modo a não embaraçar, ou mesmo de todo impedir, aos investigadores de história natural o estudo até agora insuficiente dessas aves interessantes, sobretudo no que se refere ao seu modo de vida, mas sim unicamente para pôr cobro à insensata profissão só para os fins do luxo e da moda.⁴⁹

Todavia as intenções mais amplas do autor ficam claras em uma pequena e discreta nota de rodapé na página 31, quando diz que seu livro servirá “de base à legislação venatória, quando o Brasil vier a ocupar-se de tal questão. Esta é uma necessidade, sobre a qual mais de uma vez tenho chamado à atenção”.⁵⁰ Está se referir a finalidade maior do livro que ora comentamos. O curioso é que nesse livro, as notas de rodapé parecem ser mais esclarecedoras das posições do autor com relação à natureza.⁵¹

⁴⁹ Goeldi, *Aves do ...*, p. 213.

⁵⁰ Goeldi, *Aves do ...*, p. 31.

⁵¹ A leitura do paradigma indiciário, de Carlos Ginzburg, permite que se observe —e que se leve em consideração— nos detalhes insignificantes, naquilo que talvez seja negligenciado por biólogos ou historiadores. Esse tipo de análise exige um trabalho de investigação minucioso, pois esses detalhes são

Na verdade, Goeldi foi além de seu trabalho de cientista e fez um protesto contra o que chamou de “hecatombe” e “carnificina das aves”. Era um cientista engajado na defesa da natureza. Sua paixão e respeito pelas aves eram tão grandes que os termos “beija-flor”, “ave” e “passarinhos” foram grafados com letras maiúsculas. Cobrava dos governos medidas protecionistas, mas pedia uma exceção para os cientistas, que matam com finalidades nobres. Para ele assassinar em nome da moda e do luxo é inadmissível. Ihering⁵² também, e de maneira incisiva, cobra dos governos legislação protecionista e também pede que se estabeleçam exceções para os museus nacional e estadual, dedicado à exploração científica do país. Ele indica a leitura de Goeldi. Desde quando chegou ao Brasil em 1880, Ihering começou a trabalhar como naturalista viajante do Museu Nacional, atuando no Rio Grande do Sul, sempre advogou em favor da proteção das aves. O mesmo pode-se dizer de Goeldi.

A guisa de considerações finais, podemos nos lembrar de que, conforme dito acima, Regina Horta Duarte já havia apontado para o

apenas indícios que ficam escondidos dentre assuntos diversos e exige também do historiador muita paciência para reconhecê-los e alguma sensibilidade para ver neles algum potencial que possibilite a problematização e o desvelamento do passado. (Ginzburg, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”, em *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, São Paulo, 1989, pp. 143-179).

⁵² Ihering, *Necessidade de ...*, p. 124.

baixo impacto da indústria da caça na economia nacional como um todo. O mesmo ocorre com os extratores de lenha, palmito, mel e orquídeas. E de poaia, taiuiá e outras plantas medicinais. E o fato de não existir alternativas de renda, torna as atividades extrativistas algo de difícil controle por parte das autoridades. Parece não haver a vontade política de fazê-lo. Entretanto se na economia, o impacto era pequeno, para o meio ambiente foi desastroso.

Por outro lado, as menções constantes ao comércio de aves e de artefatos de penas feitas pelos viajantes em suas publicações; a imensa e regular distribuição territorial dessa prática ao longo de praticamente todo território nacional; o fato dos artefatos de penas serem objetos de ostentação de aristocratas famosos no Brasil e no exterior; da exposição desses artigos na exposição *Centennial* de Filadélfia, em 1876, para serem vendidos para o mundo inteiro não parecem indicar que esse comércio fosse desprezível para os que nele atuavam, pois numa economia escravista ou recém saída da escravidão, na qual havia pouco dinheiro circulando, talvez fosse uma das poucas opções de trabalho e de comércio. Todavia, concordamos com Duarte, quando afirma que ele não teve forte impacto na economia brasileira como um todo.

Pode-se dizer, com segurança, que havia um intenso debate bastante controverso sobre o assunto. João Severiano da Fonseca e Oscar Canstatt, por um lado, defendiam e desejavam ampliar a indústria de artefatos feitos com penas de aves que estava espalhada por todas as

regiões do país e que atendia principalmente a viajantes e turistas estrangeiros. Para eles essa atividade significava progresso. Esse ramo de negócio era controlado por senhoras estrangeiras, que as “desenhavam” segundo modelos parisienses, mas a mão de obra era composta por mulheres negras ou mestiças, talvez, em sua maioria, escravas ou libertas. Constatamos também um grande comércio de aves que atendia a essa demanda e inclusive as demandas externas e que eram os comerciantes estabelecidos nas grandes cidades, o elo entre os caçadores (homens e meninos), que trabalhavam no interior sob encomenda e os compradores de matérias primas, que a caçada pareceu não se constituir em uma profissão, mas numa atividade complementar geradora de renda e que era relevante para essas pessoas.

Por outro lado, conforme demonstrado, os naturalistas Emilio Goeldi e Hermann Von Ihering se opunham veementemente a esse comércio, pois consideravam sua motivação fútil e porque era danoso para a natureza. E atuavam como cientistas engajados na luta em favor da implantação de leis de proteção às aves.

